

## O despertar da angústia relacionada ao contexto de pandemia do covid-19: um olhar fenomenológico

### The awakening of anguish related to the context of the covid-19 pandemic: a phenomenological look

ELIS FRANCO DE ARRUDA ROLFSEN<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto se reporta ao horizonte do despertar da angústia uma vez inflamada pelo contexto de pandemia do Covid-19. Para tanto, trata-se de estruturá-lo via uma metodologia fenomenológica em que o ser humano é compreendido como um ser de angústia. Ora, essa tonalidade afetiva se exacerbou ainda mais no recente contexto pandêmico mundial em meio desinformação e ao negacionismo pondo em risco formas de prevenção como o isolamento social. Outro aspecto considerável refere-se ao conceito de antecipação da morte, pois todos ficam muito próximos e, portanto, sujeitos à finitude, bem como a mudança brusca na rotina devido a ações como o isolamento.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Heidegger. Pandemia da COVID-19.

**Abstract:** The text refers to the horizon of the awakening of anguish once inflamed by the context of the Covid-19 pandemic. Therefore, it is about structuring it via a phenomenological methodology in which the human being is understood as a being of anguish. Now, this affective tonality has been exacerbated even more in the recent global pandemic context amid misinformation and denialism, jeopardizing forms of prevention such as social isolation. Another considerable aspect refers to the concept of anticipation of death, as everyone is very close and, therefore, subject to finitude, as well as sudden changes in routine due to actions such as isolation.

**Key words:** Phenomenology. Heidegger. COVID-19 Pandemic.

#### Introdução

Em meados de março de 2020 foi anunciado o que se tratava de uma pandemia causada por um vírus, até então, desconhecido: o COVID-19. Ele é causado pelo SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave Coronavírus 2). Segundo Buss, Alcázar e Galvão (2020), no artigo *Pandemia pela Covid-19 e multilateralismo: reflexões a meio do caminho*, até o período de 10 de junho de 2020, haviam mais de 7 milhões de casos de infecção pelo vírus, e mais de 400 mil mortes no decorrer do mundo.

Quando o anúncio aconteceu, ainda não existia um plano de ação para combater esse vírus mortal, porém foi sugerido que todos realizassem o isolamento social, como forma de conter a transmissão, enquanto os estudos sobre o coronavírus fossem realizados. Pela falta de informações do momento, a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde do Brasil estavam

---

<sup>1</sup> E-mail: elisrolfsen@gmail.com

seguindo as recomendações que já existiam de quando surgiu a influenza, período que também foi declarado uma situação de pandemia.

Recomendações da OMS, do Ministério da Saúde do Brasil, do Centers for Disease Control and Prevention (CDC, Estados Unidos) e outras organizações nacionais e internacionais têm sugerido a aplicação de planos de contingência de influenza e suas ferramentas, devido às semelhanças clínicas e epidemiológicas entre esses vírus respiratórios. Esses planos de contingência preveem ações diferentes de acordo com a gravidade das pandemias. (FREITAS; NAPIMOGA; DONALISIO, 2020, p. 01)

Desde o momento em que o anúncio da pandemia foi realizado, os transtornos psicológicos, em sua forma geral, ficaram em ascensão. Por conta do medo que se instalava na população, surgiam alguns sentimentos, relacionados ao medo, ansiedade, insônia, estresse ou raiva, e que através desses sentimentos poderiam ser desencadeados transtornos, tendo a possibilidade de ser eles depressivos, ansiosos, pânico ou estresse, influenciando, até mesmo, em pensamentos suicidas, e essa mistura de sentimentos se acentuou bastante em casos de pacientes que foram infectados com a COVID-19 ou até mesmo os que tinham a suspeita da infecção.

158

Estudos têm revelado que tanto a pandemia propriamente dita quanto as medidas adotadas para contê-la parecem impactar a saúde mental, aumentando o risco para surgimento de sintomas de estresse, ansiedade e depressão, o que vem sendo identificado na população geral e em profissionais da saúde. Nesse sentido, a COVID-19 pode ser considerada uma crise sob o ponto de vista epidemiológico e, também, psicológico, dadas as alterações cognitivas, emocionais e comportamentais que tendem a ser experienciadas nesse período. Em linhas gerais, as pandemias se associam a perdas em massa, tanto de vidas humanas, quanto de rotinas, conexões sociais face a face e estabilidade financeira. Por conta da COVID-19, muitas pessoas têm vivenciado mudanças rápidas em seu dia a dia e precisam lidar com o futuro imprevisível. Outras tantas foram infectadas ou mesmo perderam alguém da sua rede socioafetiva em decorrência da doença. (CREPALDI et al., 2020, p. 02)

Partindo desse pressuposto, o presente artigo tem como objetivo compreender sobre o despertar da angústia em um período pandêmico, afinal

para a metodologia utilizada, a saber, a fenomenologia existencial, a angústia não se faz como um sintoma, mas sim, segundo Garaventa e De Souza (2011), ela é parte da liberdade humana, afinal, se faz como um estado de ânimo onde o homem pode se perceber, pois é possível ser observado a profundidade das questões interligadas à angústia, sendo coisas finitas ou infinitas, liberdade ou pecado, carregando então a ambiguidade, pois ser humano está ligado à inúmeras possibilidades.

Para isso, o primeiro passo é investigar sobre a angústia em si, como ela é vista pelo olhar fenomenológico de Heidegger em determinados aspectos, afinal é um termo bastante amplo e vasto. Já no segundo passo, então, investigar como o período de pandemia acentuou esse estado na sociedade.

Segundo Ferreira (2002), o homem em sua forma de ser-no-mundo, é constituído, entre vários existenciais, de culpa e angústia, e por conta disso, se faz necessário reafirmar a si mesmo no decorrer de sua vivência, pois conforme o tempo se passa, mais o homem é, uma vez que a única certeza existente de não ser mais, é o momento da morte. Assim, a angústia é um estado que traz junto de si a determinação existencial de disposição, pois diante dessa tonalidade afetiva, o homem se faz enquanto uma abertura, podendo assim transformar caminhos em possibilidades, podendo assumir então novos projetos de vida, podendo eles serem autênticos ou inautênticos, assim baseados em uma essência de natureza particular existente em cada ser. Sendo assim, a angústia pode representar, então, uma forma real de oportunidade de mergulhar no íntimo do ser, pois, conforme se é vivido o cotidiano, esse afeto fica, de certa forma, mais escondido, enquanto os momentos afinados para a angústia, representam pensamentos extraordinários, por assim dizer.

No período em que a pandemia foi anunciada, e o isolamento social foi sugerido, aconteceram mudanças nos projetos de vida, baseados nesse fator externo que se apresentava, sendo assim, o ser-no-mundo passou a se possibilitar por outros caminhos e escolhas, porém de certa forma com a paralização de inúmeras atividades com o objetivo de conter o vírus, o homem passou a entrar mais em contato com esse estado de ser, afinal a angústia possibilitou novos pensamentos e questionamentos sobre a vida, pois o contato com a morte passou

a ser mais próximo, e conseqüentemente se tornou mais acentuada no período pandêmico.

### **Angústia na fenomenologia existencial**

Diante da metodologia utilizada, o referencial baseado no estudo fenomenológico observa e compreende a angústia de uma forma diferente de outras abordagens presentes na psicologia, e inicialmente será apontado sobre a constituição do ser humano. Segundo Cardinalli (2015), Martin Heidegger escreve sobre sua investigação do conhecimento humano e crítica os estudos dos fenômenos humanos, baseados em ideias da ciência natural. Assim o autor busca uma forma mais adequada de investigar as experiências do homem: fundamentando assim, a fenomenologia hermenêutica.

Esse método criado por Heidegger, permite levar o homem a refletir de forma crítica todos os procedimentos envolvidos na existência e através disso ele pôde indicar e falar sobre as novas possibilidades que poderiam rodear o entendimento de alguns fenômenos humanos. Ele passou também a compreender o ser humano denominado como ser-aí, onde compreende melhor as experiências humanas.

Através disso, Segundo Cardinalli (2015) Heidegger passou a compreender questões envolvidas no ser-aí, e percebeu que a análise realizada no homem está relacionada a incontáveis possibilidades de ser, e conseqüentemente de questionar e responder a si próprio, e diante disso, a visão heideggeriana fala sobre essas possibilidades estarem fazendo parte de uma estrutura de realização, fazendo com que as possibilidades se tornem compreensíveis, o que se resulta em questões vivenciadas pelo homem.

Heidegger falava sobre a angústia ser ontológica, ou seja, relativa ao ser de maneira geral, pois se refere a situações concretas da realidade. Segundo Werle (2003), o nada resgata a angústia, de forma que ela não precise ser criada, então acaba se revelando nas experiências do homem, se fazendo a causa e o efeito das coisas, ao mesmo tempo, pois até através do nada ela pode estar aparente. Por não ser uma causa de controle do homem, não pode ser definido, afinal a existência perde-se o sentido diante da apresentação do nada. A angústia está

relacionada ao simples fato do existir, mesmo em momentos que não pode ser percebida, pois ela também pode oferecer uma diferente forma de tranquilidade.

Tanto que, o ser humano se angustia, mas não sabe o porquê de isso ter acontecido, pois é uma tonalidade afetiva que faz parte da existência do homem.

Em *Ser e Tempo*, a angústia é definida como a disposição fundamental e em *Conceitos fundamentais de metafísica*: mundo, finitude, solidão, o tédio profundo é visto como humor, afinação ou tonalidade afetiva fundamental para filosofar. Para Heidegger “toda e qualquer tonalidade afetiva fundamental (*Grundstimmung*) autêntica libera e aprofunda, ata e desata as outras. [...] Portanto, é igualmente equivocado absolutizar uma tonalidade afetiva fundamental como a única e relativizar todas as tonalidades afetivas fundamentais em relação às outras.” O mérito desta citação está em que ela tanto nos certifica que o tédio profundo não é a única tonalidade afetiva ou afinação fundamental sob a qual todas as outras estariam subjugadas, quanto acentua a copertença e co-originariedade entre as afinações fundamentais. (FERREIRA, 2011, p. 143-144)

Quando se trata de angústia, não pode se pensar em cura, afinal a angústia e o nada fazem parte do ser-aí, e através desses tópicos surgem perplexas ideias na existência desse ente, e por conta dessas novas possibilidades, faz com que se torne angustiante. (WERLE, 2003)

Ou seja, segundo Werle (2003) pensar na angústia é se apegar a ideia de que ela habita no simples fato de somente existir, logo existo, logo sinto a angústia. Por se tratar de uma tonalidade afetiva fundamental, a angústia traz consigo a estranheza, fazendo com que o ser-aí se encontra em ambientes não familiares, como se estivesse fora de sua zona de conforto, e nesses momentos podem ser percebidas muitas mudanças, afinal a angústia pode ser um tipo de combustível para enxergar novas possibilidades de ser-no-mundo, pensar em caminhos e abrir portas, até mesmo porque não conseguimos nos livrar dela.

O lado “positivo” deste fenômeno é que ele coloca pela primeira vez a existência humana diante de si mesma, fazendo com que o *Dasein* possa ultrapassar a si mesmo, alcançando uma situação concreta de transcendência. (WERLE, 2003, p. 110)

Esse fenômeno da angústia faz com que o homem possa se despir de inúmeras ideias externas e internas, para que esteja em um encontro consigo mesmo, o que é visto de forma positiva quando relacionado ao autoconhecimento. É como se o homem pudesse detalhar a sua forma autêntica e inautêntica de ser, afinal ambas são possibilidades no caminho do homem. Segundo Ferreira (2002), a angústia é vista por Heidegger como um combustível, justamente por abrir a possibilidade de se despir da degradação para que se aproprie cada vez mais de si mesmo. Ela é a chave para que o homem possa se permitir a ser interpretado de acordo com seus próprios olhos e ideais, e não de acordo com que o mundo enxerga, pois conforme se retira das ideias do mundo, está em um encontro consigo mesmo, pois do mundo pode se escapar, mas de si mesmo não existe a possibilidade da fuga, e a partir dessa atitude, pode visualizar exatamente como se é, e se vê livre para assumir o próprio ser, tanto em sua forma de autenticidade, como de inautenticidade.

De frente ao conceito de angústia, Heidegger busca pela possibilidade do homem sair de um estado de inautenticidade, que é o que geralmente ele está envolvido, para buscar um novo projeto de vida, assumindo sua autenticidade. Partindo do princípio de que o homem seja tocado pela tonalidade da angústia, passa-se pelo processo de tomar consciência de seu caráter finito de sua existência, voltando-se para pensamentos ao fato de que a angústia pode despertar para a morte, visto que ela é o acontecimento mais importante envolvido com a existência humana, pois revela a finitude do ser e que toda a existência está sujeita a morrer e alcançar o seu fim, e é por essa ideia que se alcança um conceito de Heidegger, que fala sobre o ser-para-a-morte. Diante do ser-aí, existe a possibilidade também de não-ser, que é quando se chega à morte. Porém, a existência humana está relacionada ao poder-ser, que pode trazer limitações e também determinações. (WERLE, 2003)

Mesmo com a representação negativa que a morte traz para o homem, quando assumida a perspectiva de ser-para-a-morte, ela se faz como um fenômeno que passa a ser percebido como possibilidade da existência, e não simplesmente do término dela.

Entretanto, o caráter aparentemente negativo da morte apenas se coloca quando a morte é tomada no sentido vulgar de ser o momento do término físico da vida. Mas há um lado positivo na morte, isso se o ser humano assume o seu ser-para-a-morte, isto é, leva em conta que a morte é um fenômeno da própria existência e não do término dela. A morte apenas tem sentido para quem existe e se põe como um dado fundamental da existência mesma. Assumir o ser para a morte, porém, não significa pensar constantemente na morte e sim encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência. Depois de termos morrido não podemos mais sentir a morte. É um fato que a morte é algo que apenas podemos experimentar indiretamente, no outro que morre. (WERLE, 2003, p. 110-111)

Pensando nesse aspecto, a morte é uma possibilidade que se mostra através da angústia, porém ela se define como uma possibilidade que faz parte inevitavelmente da existência, e ela proporciona uma elevação que pode retomar atenção das ocupações do dia a dia, pois a partir do momento que se toma consciência dela, surgem questionamentos sobre tudo aquilo que faz parte do homem, pois ele é colocado frente a si mesmo. (WERLE, 2003)

163

Desse modo, a morte permite basicamente: 1) uma consciência de toda a existência (passado, presente, futuro) e, por isso, também será por ela que o ser irá encontrar a sua verdade no tempo, o assunto da segunda seção de *Ser e tempo*, em que serão retomados todos os existenciais fundamentais sob o plano do tempo. 2) assumir individualmente a existência, já que a experiência da morte é sempre apenas minha (no §50 Heidegger considera que a angústia diante da morte é a angústia diante do próprio poder-ser). (WERLE, 2003, p. 111)

### **Despertar da angústia no período de pandemia do covid-19**

Viver em meio a uma pandemia pode gerar muita preocupação, afinal é um período em que o indivíduo fica envolto a incerteza quase o tempo todo. A incerteza sobre a sua própria infecção, a incerteza sobre você transmitir o vírus para demais pessoas, sendo elas de risco ou não, a incerteza sobre sobreviver ou falecer caso seja infectado pelo vírus, incertezas essas que acabam potencializando determinados estados mentais. (ORNELL, et al. 2020)

A realização do isolamento social também provocou sintomas como preocupação, estresse e ansiedade na população, tanto dos mais jovens como dos mais velhos, o que intensificou esse período em que ele foi feito.

[...] Esse isolamento prolongado teve vários impactos adversos sobre a saúde mental, especialmente entre os entrevistados de 12 a 21 anos, em que a maioria eram estudantes. Esse público foi afetado, segundo o estudo, principalmente, pelo fechamento prolongado da escola, o que exigiu apoio educacional on-line. Tal fato colaborou com o surgimento de estresse e ansiedade nessa população. Em contrapartida, em um outro estudo realizado na China, a população que apresentou sintomas psicológicos mais severos, foram as pessoas mais velhas, devido, segundo os entrevistados, a idade média de morte pelo coronavírus ser de 55 anos. Além disso, eles se sentiam ansiosos só em pensar na possibilidade de se infectar<sup>15</sup>. Nesse contexto, percebe-se que de qualquer forma a ansiedade é um sentimento predominante na população que está em isolamento. (DA SILVA SANTANA et al., 2020, p. 759)

Junto da intensificação tanto de sintomas e pensamentos, o homem ficou mais acentuado para com a angústia, afinal, a aproximação da morte e a possível antecipação dela, traz de forma direta essa tonalidade afetiva. O próprio anúncio da pandemia do COVID-19 já trouxe essa acentuação, mas o isolamento social o deixou mais intenso, pelo fato de que todos precisaram parar de realizar atividades das quais eram acostumados no cotidiano, para a realização do isolamento, uma prática afim de diminuir a transmissão do vírus, que era desconhecido cientificamente. E segundo Werle (2003), a definição do conceito de morte é um tipo de angústia expandida, pois traz consigo definições sobre aquilo que podemos chamar de conceitos fundamentais para a existência do homem, e apenas a morte possui a chance de poder elevar-se sobre a retirada de atividades envolvidas ao dia a dia.

É preciso tomar um certo cuidado para não concluirmos aqui apressadamente algo de que Heidegger procura incessantemente escapar. Ao ouvirmos expressões como "ditadura do impessoal", "impropriedade", "decadência", "falatório", "ambiguidade" e "curiosidade", expressões correntes na concepção heideggeriana do modo de o ser-aí se encontrar de início e na maioria das vezes imerso no mundo fático que é o dele, tendemos a pensar essas

expressões em uma chave antropológico-moralizante e a ler *Ser e tempo*, por conseguinte, como se o que estivesse em questão na obra fosse determinar o modo como precisamos conquistar o nosso si mesmo, como se o texto levantasse de maneira sistemática a questão de saber como o ser-aí singular se transforma no que ele verdadeiramente é. Uma tal tendência choca-se diretamente com uma afirmação incessantemente reiterada em diversas partes da obra e em outros textos da mesma época. (CASANOVA, 2014, pág. 103)

Ao pensar em conceitos heideggerianos, a autenticidade e a inautenticidade não estão relacionadas a um contexto moral, e sim diante dos projetos de vida de cada ser humano, baseado nas próprias experiências e tonalidades afetivas. Alguém pode ter passado por uma situação, principalmente no contexto de pandemia do COVID-19, que o fez pensar sobre sua inautenticidade, passando a assumir um processo autêntico, ou vice-versa.

### **Considerações finais**

Como foi visto no decorrer do artigo, diante do contexto que foi vivido de pandemia do COVID-19, a angústia se despertou fortemente na existência do homem, por conta de alguns determinados fatores, mas principalmente pelas mudanças que aconteceram diante desse período. Uma vez que Heidegger compreende o homem diante de novas possibilidades para se estruturar e compreender essas possíveis facetas a serem assumidas, que se resultam em experiências.

Perante o exposto, a pesquisa verificou também que Heidegger mostra a angústia como ontológica, pois está relacionada a situações concretas do ser, ou seja, se eu existo, sou angústia, e ela pode ser tanto a causa como o efeito de algo, pois não está relacionada a algum tipo de controle do homem, podendo não ser definida. A angústia está ligada ao simples fato do existir, mesmo em circunstâncias em que ela não pode ser percebida.

No livro *Ser e Tempo*, Heidegger faz um estudo fenomenológico de reflexão sobre o ser, considerando que a questão central de seu estudo é o ser existente e não o existencial em si. Ele considerava que a filosofia clássica, tradicional, inclinou-se sobre a questão do ser de forma errada ao tentar defini-lo,

contextualiza-lo, e, para ele a questão do ser é a mais importante na filosofia, por isso, pretende resgatá-la em sua filosofia ontológica. Por assim dizer, ele trata o ser como *dasein* (*ser-aí*), conceito central de toda a perspectiva de *Ser e Tempo* (GILES, 1989).

O homem é único para Heidegger, ou seja, ente capaz de compreender a si mesmo, e essa compreensão acontece enquanto o ser é, quando exerce sua existência, portanto sua essência é posterior a sua existência, o ser ontológico para Heidegger não tem explicação, qualquer tentativa de explicar o ser o reduz em um ente. (WERLE, 2003)

Ente para Heidegger é aquilo que se pode conceituar, calcular, como uma coisa ou um objeto e a explicação dos entes é esgotável, sua essência pode ser revelada em totalidade é possível de ser explorado em todos os seus aspectos, a necessidade de definir e explicar o ser. Por isso, o ser humano é uma grande questão da filosofia que, na tentativa de explicá-lo, o reduz, o fragmenta em alguns aspectos da sua existência. (GILES, 1989)

Conforme Giles (1989), a angústia é vista por Heidegger como um combustível, justamente por abrir a possibilidade de se despir da degradação para que se aproprie cada vez mais de si mesmo. Ela é a chave para que o homem possa se permitir a ser interpretado de acordo com seus próprios olhos e ideais, e não de acordo com que o mundo enxerga, pois conforme se retira das ideias do mundo, está em um encontro consigo mesmo, pois do mundo pode se escapar, mas de si mesmo não existe a possibilidade da fuga, e a partir dessa atitude, pode visualizar exatamente como se é, e se vê livre para assumir o próprio ser, tanto em sua forma de autenticidade, como de inautenticidade.

O objetivo do estudo foi alcançado, visto que foi possível observar os efeitos da pandemia no homem, e através da relação dele com a angústia, verificou-se que as mudanças ocasionadas pela pandemia do COVID-19 geraram muitas consequências, como o despertar maior para a angústia, até mesmo por conta da aproximação da morte e também a possível antecipação dela, e com isso o período de isolamento social intensificou essas tonalidades afetivas.

Com todas essas mudanças que foram pontuadas, foi possível mostrar que o homem passou a questionar seus caminhos e escolhas no contexto que foi vivido,

e muitos seres humanos puderam refletir sobre um conceito heideggeriano, de um projeto de vida autêntico e/ou inautêntico, não estando ligados a um contexto moral, mas sobre as experiências e tonalidades afetivas enfrentadas no caminho de cada um, onde também gerou mudança nesse sentido da existência.

Por fim, como a temática sobre a angústia durante a pandemia da COVID-19 é ampla, é exequível considerar que ainda existe um considerável campo para o devido estudo, tendo em vista, principalmente, a falta de estudos relacionados ao assunto. Tanto é que existe um campo muito vasto para estudos sobre a angústia pós pandemia da COVID-19, onde poderá contemplar as pessoas que perderam seus entes queridos por conta dessa doença.

## Referências

BUSS, Paulo M.; ALCÁZAR, Santiago; GALVÃO, Luiz Augusto. *Pandemia pela Covid-19 e multilateralismo: reflexões a meio do caminho. Estudos Avançados*, v. 34, p. 45-64, 2020.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/8vDqhLKszp35HJMtj5WnRNK/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 23 ago. 2022.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). *Psicologia Usp*, v. 26, p. 249-258, 2015.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/8MvnGRb8yrCX7vT3bB3rZYp/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 25 ago. 2022.

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. (Série Compreender).

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?format=html>. Acesso

em: 23 ago. 2022.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. Amor e liberdade em Heidegger. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 52, p. 139-158, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/kr/a/wDmgDDQQQT5rDnBdpG6KCsJ/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 25 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Culpa e angústia em Heidegger. *Cogito*, v. 4, p. 75-79, 2002. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792002000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100012).

Acesso em: 23 ago. 2022.

FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. *Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. Epidemiologia e serviços de saúde*, v. 29, p. e2020119, 2020. Disponível em:

<https://www.scielosp.org/article/ress/2020.v29n2/e2020119>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GARAVENTA, Roberto; DE SOUZA, Humberto Araújo Quaglio. *Søren Kierkegaard: uma fenomenologia da angústia*. *Sacrilegens*, v. 8, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26494>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: E.P.U, 1989.

LIMA, Anyele Albuquerque et al. Alterações psicológicas durante o isolamento social na pandemia de covid-19: revisão integrativa. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 2, p. 754-762, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497965721011/497965721011.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Debates em Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 12-16, 2020. DOI: 10.25118/2236-918X-10-2-2. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/35>. Acesso em: 25 ago. 2022.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, v. 26, p. 97-113, 2003. Disponível em: SciELO - Brasil - A angústia, o nada e a morte em Heidegger A angústia, o nada e a morte em Heidegger. Acesso em: 25 ago. 2022.

Submissão: 17. 01. 2023

/

Aceite: 28. 02. 2023